



## **Da Sala de Aula à Prática Empreendedora: A Graduação em Administração Amplia o Potencial Empreendedor de Seus Egressos?**

**Marcelo Ferreira Fortunato Junior**

(Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro / mfortunatoj@gmail.com)

**Alessandra Cassol**

(Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro / alessandracassol@ufrj.br)

**Favio Akiyoshi Toda**

(Universidade Federal Fluminense / faviotoda@id.uff.br)

### **RESUMO:**

O presente artigo tem como objetivo medir a influência do ensino de empreendedorismo, comparando dois grupos de graduados da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) nos cursos de Administração e em outros cursos quaisquer. Utilizou-se as escalas de Intenção Empreendedora (Liñán e Chen, 2009) e Autoeficácia Empreendedora (McGee et al, 2009) para aferir se o ensino de empreendedorismo (mais prevalente ou obrigatório no curso de Administração) influencia positivamente essas duas dimensões. Como metodologia utilizou-se estatística descritiva, testes de Shapiro-Wilk e Levene e testes t para diferenças de média (Student, Welch e Mann-Whitney U). Os resultados indicaram que, embora não haja diferença significativa na Intenção Empreendedora entre os dois grupos, os egressos de Administração apresentam maior Autoeficácia Empreendedora, com uma diferença significativa para com os egressos dos outros cursos. Este artigo apresenta implicações acadêmicas ao realizar uma análise em um contexto ainda não estudado, que é o caso da IE e AE entre egressos da UFRRJ, além de apresentar uma implicação gerencial para as Instituições de Ensino Superior, tendo em vista que os resultados no caso da UFRRJ podem ser usados como referência para decisões acerca do ensino do empreendedorismo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino do empreendedorismo, Intenção Empreendedora, Autoeficácia Empreendedora.



## 1. Introdução

O conceito de “Empreendedor” pode variar de acordo com a perspectiva e a corrente teórica utilizada (Pereira Junior e Pereira, 2024). Numa visão econômica, por exemplo, temos a clássica perspectiva Schumpeteriana de que o empreendedor é um agente inovador que ocupa um papel central no desenvolvimento econômico (Schumpeter, 1982). Não só o termo “empreendedor”, mas também o termo “Empreendedorismo” possui diferentes concepções a depender da perspectiva (Martens e Freitas, 2008).

Em várias áreas, para além da academia, o empreendedorismo se popularizou, de modo que se tornou central em discussões políticas e sociais. Além disso, a popularização do empreendedorismo fortaleceu a ideia de que o empreendedor é um ator econômico e de que se tornar um empreendedor pode ser um projeto de vida e meio para realização pessoal (Saes e Markovitch, 2020). Dada a sua relevância, o empreendedorismo tem sido campo de diferentes estudos, atraindo o interesse de pesquisadores que buscam compreender esse fenômeno (Alves et al, 2023).

Em consequência, o ensino do empreendedorismo também tem se configurado como um campo de pesquisa interessante e com potencial de exploração (Vedana e Andreassi, 2025). Esse tema pode ser visto sob a ótica da “Educação Empreendedora”, que é o processo de formação focado em desenvolver competências empreendedoras como a identificação de oportunidades, a assunção de riscos calculados, a tomada de decisões e a capacidade de inovar (Alves et al, 2023).

O discurso neoliberal tem colocado o trabalhador como o “empreendedor de si mesmo” (Furtuna, 2023), de modo que a educação empreendedora se torna ainda mais crucial para o desenvolvimento profissional dos trabalhadores na Quarta Revolução Industrial. Para além do contexto ideológico e político do mundo ocidental, no Brasil o contexto socioeconômico também apresenta nuances que reforçam a importância da educação empreendedora na formação dos trabalhadores.

De acordo com a pesquisa Global Entrepreneurship Monitor (GEM) de 2024, o Brasil possui o segundo maior contingente de não empreendedores que desejam se tornar empreendedores. No período de 2017 a 2024, a taxa de empreendedores potenciais subiu de 15,3% até 49,8%. Segundo o relatório da própria pesquisa, os brasileiros têm demonstrado maior entusiasmo em relação ao empreendedorismo (ANEGEPE; SEBRAE, 2024). Em complemento, o fomento do empreendedorismo tem sido alvo de políticas públicas, o que faz com que a educação empreendedora também receba maiores incentivos para capacitar o contingente de indivíduos aspirantes à empreendedores (Alves et al, 2023).

Em face da importância da educação empreendedora, cabe ampliar o entendimento do impacto desta no empreendedorismo efetivo. Estudos anteriores buscaram relacionar o ensino do empreendedorismo, especialmente no ensino superior, com o potencial empreendedor desenvolvido nos alunos (Cunha, 2007; Raiol et al, 2021; Silva, Pereira e Guimarães, 2021; Cunha, Marquesan e Silva, 2021; Colichi et al, 2023; Ferreira e Pagnussat, 2023; Arruda et al, 2023; Rocha, 2025).

Alguns desses estudos lançaram mão de escalas para medir a relação e o impacto da educação empreendedora na formação dos alunos e no seu potencial de empreender no futuro, como a Autoeficácia Empreendedora (McGee et al, 2009) e a Intenção Empreendedora (Liñán e Chen, 2009). Desse modo, este estudo tem como objetivo analisar em que medida a



formação em Administração, quando comparada a outras graduações, influencia o desenvolvimento da Intenção Empreendedora (IE) e da Autoeficácia Empreendedora (AE) em seus graduados, a partir da perspectiva de egressos da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

Para alcançar esse objetivo utilizou-se um questionário, com base nas escalas apresentadas, para avaliar a percepção dos egressos, medindo e comparando a IE e a AE entre dois grupos: (1) graduados em Administração e (2) graduados em outros cursos quaisquer. A hipótese é que o ensino do empreendedorismo (mais prevalente ou obrigatório no curso de Administração) influencia positivamente as duas dimensões analisadas, de modo que elas apresentem diferença significativa entre os dois grupos analisados. Para a análise, utilizou estatística descritiva e testes T (de Student e de Welch) de comparação entre médias.

Este estudo contribui ao analisar o impacto do ensino do empreendedorismo no curso de Administração da UFRRJ no potencial empreendedor dos seus alunos. Assim, apresenta implicações acadêmicas ao trazer à luz uma nova análise de um contexto ainda não estudado - a relação do ensino do empreendedorismo na UFRRJ com a Intenção Empreendedora e a Autoeficácia Empreendedora em seu *alumni*. Também apresenta-se a implicação gerencial para gestores, professores e coordenadores de ensino em Universidades, uma vez que a análise do caso da UFRRJ pode ser usada como referência para decisões acerca do ensino do empreendedorismo em suas instituições.

Este artigo está estruturado em seis partes: esta introdução; uma seção voltada para a fundamentação teórica; uma seção onde descreve-se o percurso metodológico; posteriormente discute-se os resultados e por fim, apresenta-se a conclusão e lista-se as referências utilizadas.

## 2. Fundamentação Teórica

### 2.1. Empreendedorismo no Brasil e Educação Empreendedora

O Brasil possui um contingente “potencial” de aproximadamente 94 milhões de empreendedores, dos quais 47 milhões já compõem a estimativa de empreendedores e outros 47 milhões são a estimativa de empreendedores em potencial. Isso faz com que o país possua o 2º maior contingente de não empreendedores que desejam ser empreendedores. De 2023 para 2024, o Brasil saltou da 8ª maior para a 5ª maior taxa de empreendedorismo total, que indica a população envolvida nas fases de criação ou manutenção de negócios (ANEGEPE; SEBRAE, 2024).

Em 2024, a taxa de empreendedorismo total apresentou um aumento de 3%, atingindo 33,4% em comparação contra os 30,1% do ano anterior. Além disso, a autoconfiança na própria capacidade empreendedora apresentou um aumento, saindo de 65,9% em 2023 para 67,4% em 2024 (ANEGEPE; SEBRAE, 2024). Os resultados e o relatório da pesquisa GEM indicam um cenário otimista para o empreendedorismo no Brasil, demonstrando que os brasileiros têm alto potencial empreendedor.

O cenário econômico do país, com questões como o desemprego e a precarização do trabalho, tem influenciado o crescente interesse da população no ato de empreender. A promoção do empreendedorismo também tem sido alvo de políticas públicas, com o objetivo



governamental de impulsionar o desenvolvimento econômico e fomentar a cultura empreendedora (Alves et al, 2023).

Apesar da atuação governamental, ainda existem muitos desafios inerentes à jornada empreendedora no Brasil, como a complexidade burocrática e de regulação, o acesso ao crédito e ao financiamento, além de problemas de logística, infraestrutura, segurança e a própria instabilidade da economia brasileira, que representam mais riscos aos negócios (Alves et al, 2023). Nesse contexto, a educação empreendedora apresenta-se como uma forma de melhor preparar os cidadãos a lidar com esses desafios e melhor se capacitar para empreender.

A formação acadêmica tem papel essencial na capacitação profissional e, portanto, a educação empreendedora e o ensino do empreendedorismo nas escolas e, em especial, nas universidades contribuem para o desenvolvimento das habilidades necessárias para lidar com os desafios inerentes ao empreendedorismo (Ferreira e Pagnussat, 2023). Estudos anteriores buscaram entender como a educação empreendedora impacta a formação de alunos, bem como quais são os seus desafios (Saes e Markovitch, 2020; Silva, Pereira e Guimarães, 2021; Alves et al, 2023, Arruda et al, 2023).

## 2.2. Ensino de Empreendedorismo nas Instituições de Ensino Superior

O ensino do empreendedorismo tem sido um campo de pesquisa bem explorado (Vedana e Andreassi, 2025). Dada a importância do ensino de empreendedorismo e da formação de competências empreendedoras nos estudantes, a adoção de modelos pedagógicos mais atraentes para os graduandos faz-se necessário, objetivando um maior estímulo ao aprendizado do empreendedorismo durante a formação acadêmica (Silva, Pereira e Guimarães, 2021).

Observa-se que muitas universidades ensinam a teoria do empreendedorismo, mas falham em oferecer o apoio prático necessário aos alunos e em conectá-los a um ecossistema de inovação que ajude a transformar ideias em negócios reais (Vedana e Andreassi, 2025). Apesar desse desafio pedagógico, é inquestionável, tanto para acadêmicos quanto para professores, que o empreendedorismo é uma disciplina de relevância inquestionável (Ferreira e Pagnussat, 2023).

Assim, reforça-se a importância de compreender os desafios e as experiências nos programas de ensino de empreendedorismo em faculdades e universidades (Vedana e Andreassi, 2025). Nesse contexto, alguns estudos têm focado no ensino do empreendedorismo, na educação empreendedora e nos seus impactos nos mais diversos cenários, contextos e cursos.

O estudo de Arruda et al (2023), buscou avaliar o impacto da educação empreendedora em universitários brasileiros provenientes de 10 disciplinas de graduação de seis universidades brasileiras, envolvendo doze professores. Os autores concluíram que as disciplinas eletivas/opcionais sobre o tema são mais eficazes do que as obrigatórias. As disciplinas eletivas influenciam positivamente a atitude, a autoconfiança e a intenção dos alunos de se tornarem empreendedores (Arruda et al, 2023).

Silva, Pereira e Guimarães (2021) buscaram descrever a percepção e avaliação da sobre a Educação Empreendedora no processo de formação a partir da perspectiva de



estudantes e egressos do curso de Administração. Os autores indicaram que a percepção geral foi de que a Educação Empreendedora é de suma importância no processo de formação, contribuindo para o desenvolvimento profissional (Silva, Pereira e Guimarães, 2021).

Em seu estudo, Ferreira e Pagnussat (2023) analisaram a importância da disciplina de empreendedorismo em uma faculdade do Mato Grosso, de acordo com a percepção de alunos e professores. O resultado indicou que a disciplina é vista como essencial na formação acadêmica e profissional dos graduandos. Por sua vez, Cunha (2007) avaliou a percepção de alunos de Administração sobre empreendedorismo e concluiu que há um entendimento de grande conexão com a educação. De acordo com o autor, a introdução da disciplina de Empreendedorismo mudou a perspectiva dos estudantes, motivando-os a considerar empreender no futuro (Cunha, 2007).

Embora haja grande foco dos estudos na área de formação em Administração, outros estudos também enfocaram outras áreas do conhecimento, como tecnologia, saúde e até ciências agrárias (Santos, Lustosa e Silveira, 2021; Bianchi et al, 2022; Colichi et al, 2023; Rocha, 2025). O ensino do empreendedorismo e a educação empreendedora, portanto, faz-se relevante no Ensino Superior, pois ele pode influenciar o comportamento empreendedor dos graduandos, além de contribuir para o desenvolvimento de habilidades necessárias para a jornada empreendedora (Cunha, Marquesan e Silva, 2021).

### 2.3. Intenção Empreendedora

A escala de Intenção Empreendedora (IE) de Liñán e Chen (2009), baseada na Teoria do Comportamento Planejado (*Theory of Planned Behavior* - TPB) de Ajzen (1991), embarca o conceito de Intenção Empreendedora, que de acordo com a TPB corresponde ao esforço que uma pessoa está disposta à empregar para realizar um comportamento empreendedor (Liñán e Chen, 2009).

A literatura acadêmica vem destacando a grande importância das intenções no processo de abertura de um novo negócio. A escala de IE, desenvolvida com base na literatura do empreendedorismo e da psicologia, busca medir as dimensões: Atitude Pessoal, Normas Subjetivas e Controle Comportamental Percebido. Desse modo, essa escala foi construída a partir de propriedades psicométricas, com medidas validadas empiricamente (Liñán e Chen, 2009).

A Atitude Pessoal mede a avaliação individual que uma pessoa faz sobre se tornar um empreendedor. Já as Normas Subjetivas medem a percepção da influência da opinião de pessoas “de referência” sobre a decisão se uma pessoa deveria empreender. Por sua vez, o Controle Comportamental Percebido mede a percepção de quão fácil seja para uma se tornar uma empreendedora (Liñán e Chen, 2009).

Outros estudos têm aplicado esta escala para analisar a percepção de pessoas sobre a própria intenção empreendedora em diferentes contextos. Alguns estudos investigaram a Intenção Empreendedora em estudantes de diferentes cursos, como Administração, Contabilidade e até Tecnologia (Santos, Lustosa e Silveira, 2021; Vasconcelos, Siqueira e Fuzatto, 2023, Ibidunni e Nnaemeka, 2025). Desse modo, essa escala faz-se útil para analisar as percepções da Intenção Empreendedora a partir de sua relação com o ensino do empreendedorismo.



## 2.4. Autoeficácia Empreendedora

Denomina-se de Autoeficácia a própria crença pessoal de alguém na sua capacidade de realizar algo (Bandura, 1977). Assim, a Autoeficácia Empreendedora diz respeito à crença de uma pessoa em relação ao quanto ela se sente capaz de desempenhar com sucesso os diversos papéis e tarefas empreendedoras (Chen, Greene e Crick, 1998).

A escala de Autoeficácia Empreendedora (AE) de McGee et al (2009) é uma forma de medir os construtos relacionados ao conceito de Autoeficácia Empreendedora, a partir da percepção da própria pessoa. Essa escala tem sido utilizada para mensurar a crença de uma pessoa na sua própria capacidade de realizar com sucesso as tarefas associadas à criação de um novo negócio (McGee et al, 2009).

A escala de McGee et al (2009) divide a Autoeficácia em 5 dimensões: busca de oportunidades, planejamento, mobilização (de recursos), gestão financeira e de pessoas. Alguns estudos têm utilizado esta escala para avaliar orientações empreendedoras em contextos tanto empresariais, quanto educacionais (Camozzato et al, 2017).

No contexto educacional, estudos têm aplicado a AE para mensurar capacidades empreendedoras e a influência da educação empreendedora em diversos cenários, até mesmo na área da saúde (Matos et al, 2018). Também há estudos com correlação da AE com a Intenção Empreendedora. O estudo de Raiol et al (2021), por exemplo, buscou medir a “Autoeficácia Empreendedora” e a “Intenção Empreendedora” em estudantes de Administração de uma Instituição Federal de Ensino Superior (IFES) na Região Norte do Brasil.

## 3. Metodologia

Este artigo tem como objetivo analisar em que medida a formação em Administração, quando comparada a outras graduações, influencia o desenvolvimento da Intenção Empreendedora (IE) e da Autoeficácia Empreendedora (AE) em seus graduados. Portanto, busca-se medir e comparar a “Intenção Empreendedora” e a “Autoeficácia Empreendedora” entre dois grupos de graduados de uma mesma universidade - a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ).

Os grupos estudados são: Grupo 1 - Graduados em Administração; e Grupo 2 - Graduados em outros cursos quaisquer. A hipótese central é que o ensino de empreendedorismo (mais prevalente ou obrigatório no curso de Administração) influencia positivamente as duas dimensões analisadas: IE e AE.

Este artigo apresenta abordagem quantitativa e com objetivos exploratórios para avaliar as percepções do público-alvo. O estudo apresenta natureza aplicada por buscar validar empiricamente preceitos teóricos. Quanto aos procedimentos, recorreu-se ao uso de um questionário estruturado (*survey*) para coleta de dados primários. O público-alvo do questionário foi composto por egressos de cursos de ensino superior da UFRRJ.

O questionário foi elaborado utilizando-se escalas elaboradas em estudos anteriores e validadas em publicações na literatura. Para o levantamento de dados, foram utilizadas as escalas de Intenção Empreendedora - IE (Liñán & Chen, 2009) e de Autoeficácia Empreendedora - AE (McGee et al, 2009). O questionário foi disponibilizado de forma online





no *Google Forms*, durante o período de 18/08/2025 a 25/08/2025, e compartilhado no *Whatsapp* e em grupos direcionados à UFRJ em outras redes sociais. O *survey* foi composto por quatro seções: Caracterização da Amostra (Dados Sócio Demográficos e de Agrupamento); Conhecimentos e Experiências sobre Empreendedorismo; Escala de Intenção Empreendedora (IE) e Escala de Autoeficácia Empreendedora (AE).

Quanto à confiabilidade do questionário, utilizou-se Alfa de Cronbach para medir a consistência interna das escalas medidas. Foram encontrados os seguintes resultados: (A) IE - Grupo 1 (Adm) = 0,89; (B) AE - Grupo 1 (Adm) = 0,83; (C) IE - Grupo 2 (Outros cursos) = 0,83; (D) AE - Grupo 2 (Outros cursos) = 0,87.

A amostra coletada classifica-se como não aleatória, do tipo por conveniência. Foram recebidas 77 respostas, das quais 74 foram consideradas respostas válidas e conformes ao escopo desta pesquisa. Dessa forma, a amostra deste estudo é de 74 respondentes egressos de cursos de graduação da UFRJ. Todos os itens do questionário sobre IE e AE foram respondidos em uma escala Likert de 7 pontos, que variava de 1 (discordo totalmente) a 7 (concordo totalmente). Os autores incluíram questões relacionadas ao perfil sócio demográfico dos respondentes, além de questões sobre a área de formação e conhecimentos e experiências sobre empreendedorismo.

Quanto à análise de dados, foi utilizado estatísticas descritiva e teste estatístico T (de Student e de Welch) de comparação entre as médias dos grupos para amostras independentes. Além disso, no caso da Autoeficácia Empreendedora, também utilizou o teste estatístico de Mann-Whitney U. A estatística descritiva busca auxiliar na visão geral dos resultados, enquanto os testes T verificam se a diferença entre as médias entre os grupos é significativa. Assim, calcula-se os testes T para cada grupo e para cada construto (AE e IE). As análises foram feitas no software estatístico Jamovi, onde também utilizou-se uma validação de pressupostos, com os testes de Shapiro-Wilk e de Levene.

Foram utilizados para cada escala os testes estatísticos com o intuito de averiguar as hipóteses deste estudo. Adotando-se um p-valor com nível de significância (alfa) de 0,05, as hipóteses deste estudo são:

a) Para a Intenção Empreendedora (IE):

- Hipótese Nula ( $H_0$ ): Não há diferença significativa entre a média da intenção empreendedora do Grupo 1 e do Grupo 2.
  - $H_0: \mu_{A,IE} = \mu_{B,IE}$
- Hipótese Alternativa ( $H_1$ ): A média da intenção empreendedora do Grupo 1 é significativamente maior que a do Grupo 2.
  - $H_1: \mu_{A,IE} > \mu_{B,IE}$

b) Para a Autoeficácia Empreendedora (EAE):

- Hipótese Nula ( $H_0$ ): Não há diferença significativa entre a média da autoeficácia empreendedora do Grupo 1 e do Grupo 2.
  - $H_0: \mu_{A,AE} = \mu_{B,AE}$
- Hipótese Alternativa ( $H_1$ ): A média da autoeficácia empreendedora do Grupo 1 é significativamente maior que a do Grupo 2.
  - $H_1: \mu_{A,AE} > \mu_{B,AE}$



As escalas apresentaram 7 questões cada, voltadas para medir as dimensões relacionadas aos seus construtos. Foi utilizada uma escala de likert de 7 pontos para aferir a concordância ou discordância dos respondentes em relação a cada item. As perguntas estão listadas no quadro abaixo.

**Quadro 1 - Perguntas.**

| <b>Pergunta</b>                                                                | <b>Escala</b>                 |
|--------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------|
| Eu me sinto pronto(a) para ser um empreendedor(a).                             | Intenção<br>Empreendedora     |
| Meu objetivo profissional é me tornar ou me manter como um(a) empreendedor(a). | Intenção<br>Empreendedora     |
| Eu já criei ou tenho intenção de criar um negócio.                             | Intenção<br>Empreendedora     |
| Eu penso constantemente em novas oportunidades de negócio.                     | Intenção<br>Empreendedora     |
| Eu acredito que o empreendedorismo pode mudar minha vida.                      | Intenção<br>Empreendedora     |
| Eu já pensei em empreender na minha área de formação.                          | Intenção<br>Empreendedora     |
| Eu estudo assuntos relacionados a negócios ou empreendedorismo regularmente.   | Intenção<br>Empreendedora     |
| Eu me sinto capaz de identificar novas oportunidades de negócio.               | Autoeficácia<br>Empreendedora |
| Estou preparado para desenvolver um plano de negócios.                         | Autoeficácia<br>Empreendedora |
| Eu sei como captar recursos financeiros (investimentos ou empréstimos).        | Autoeficácia<br>Empreendedora |
| Eu conheço os detalhes práticos necessários para iniciar uma empresa.          | Autoeficácia<br>Empreendedora |
| Eu consigo liderar e motivar uma equipe.                                       | Autoeficácia<br>Empreendedora |
| Eu consigo construir uma rede de contatos profissionais (networking).          | Autoeficácia<br>Empreendedora |
| Eu me sinto capaz de iniciar um negócio e mantê-lo funcionando.                | Autoeficácia<br>Empreendedora |

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Ressalta-se que, além de responder questões relacionadas ao perfil sócio demográfica e de formação acadêmica, os respondentes foram divididos em dois fluxos, onde: (A)





respondentes da área de Ciências Sociais Aplicadas responderam em qual curso se formaram, de modo a separar os egressos de Administração, além de responder perguntas sobre conhecimentos básicos e experiências empreendedoras; (B) respondentes das outras áreas de conhecimento responderam se sabia o que era empreendedorismo, além de também responder perguntas sobre conhecimentos básicos e experiências empreendedoras.

Por fim, vale mencionar que o formulário apresentou logo em sua primeira página um “Termo de Consentimento”, onde todos os respondentes assentiram com a afirmação no primeiro item do formulário que dizia: “Declaro que li as informações acima, compreendi os objetivos da pesquisa e aceito participar de forma voluntária e anônima.”

#### 4. Análise dos Resultados

Dos 77 respondentes, 74 (96%) tiveram suas respostas consideradas válidas. Dos 3 respondentes considerados inválidos, 2 responderam que não são egressos da UFRRJ e o outro deles enviou o formulário sem preencher as perguntas sobre as escalas. Dos 74 respondentes válidos, 34 (46%) são egressos do curso de Administração e 40 (54%) são egressos de outros cursos. Logo, o grupo 1 é composto por 34 elementos e o grupo 2 é composto por 40.

Quanto ao perfil demográfico, 35 (47,3%) são do gênero feminino, 37 (50%) do gênero masculino e 2 (2,7%) responderam “outros”. Quanto à faixa etária, 32 (43,2%) dos respondentes possuem entre 25 a 29 anos, 30 (40,5%) possuem entre 30 e 39 anos e os 12 (16,3%) restantes possuem entre 18 a 24 ou mais de 40 anos, conforme gráfico abaixo.

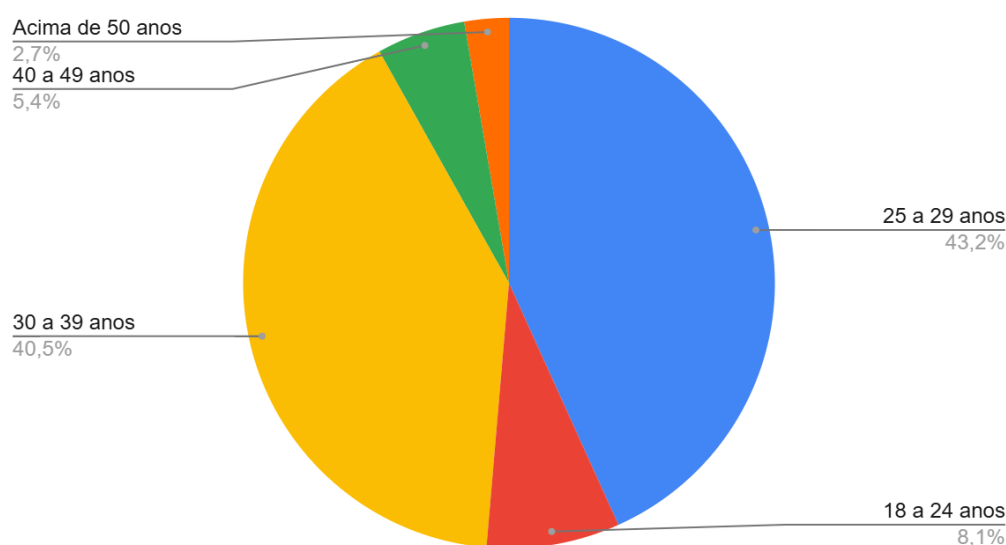


Gráfico 1 - Faixa etária dos respondentes.

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Quanto às áreas de conhecimento, 34 (46%) são egressos de Administração. Os outros 40 se dividem em: 8 em Outras Ciências Sociais Aplicadas (10,7%); 17 em Ciências Agrárias (22,7%); 8 em Ciências Humanas (10,7%); 4 em Ciências Exatas e da Terra (5,3%); 2 em Ciências Biológicas e da Saúde (2,7%); 1 em Educação (1,3%) e 1 em Linguística, Letras e Artes (1,3%).

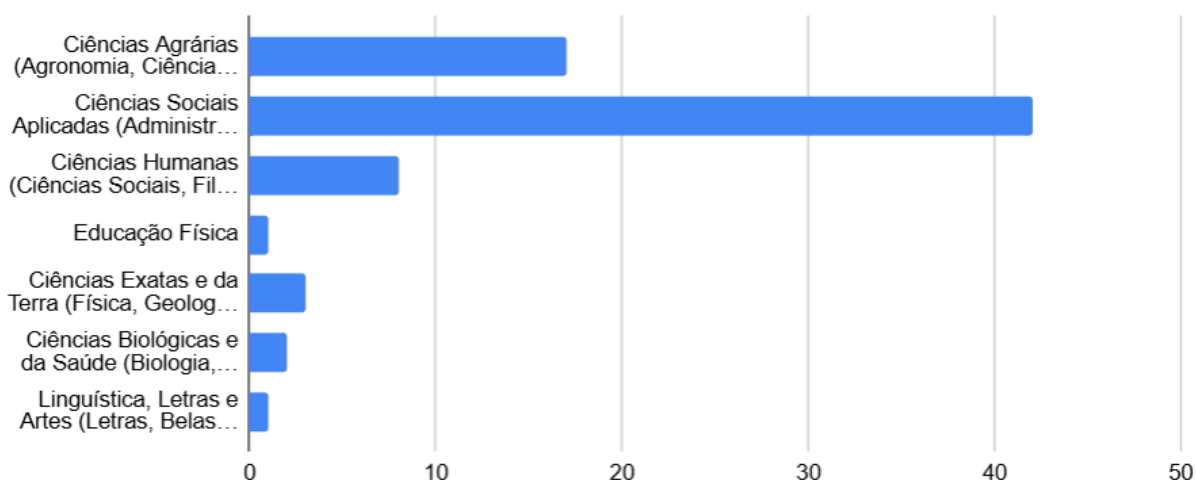


Gráfico 2 - Formação dos respondentes por área do conhecimento.

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Quanto ao ano de colação de grau, critério definido neste trabalho para a condição de egresso, os que mais concentraram graduados foram: 2023 com 12 (16,2%), 2024 com 11 (14,9%) e 2021 com 8 (10,8%). Toda a distribuição de frequência do ano de colação de grau dos respondentes consta no gráfico abaixo.

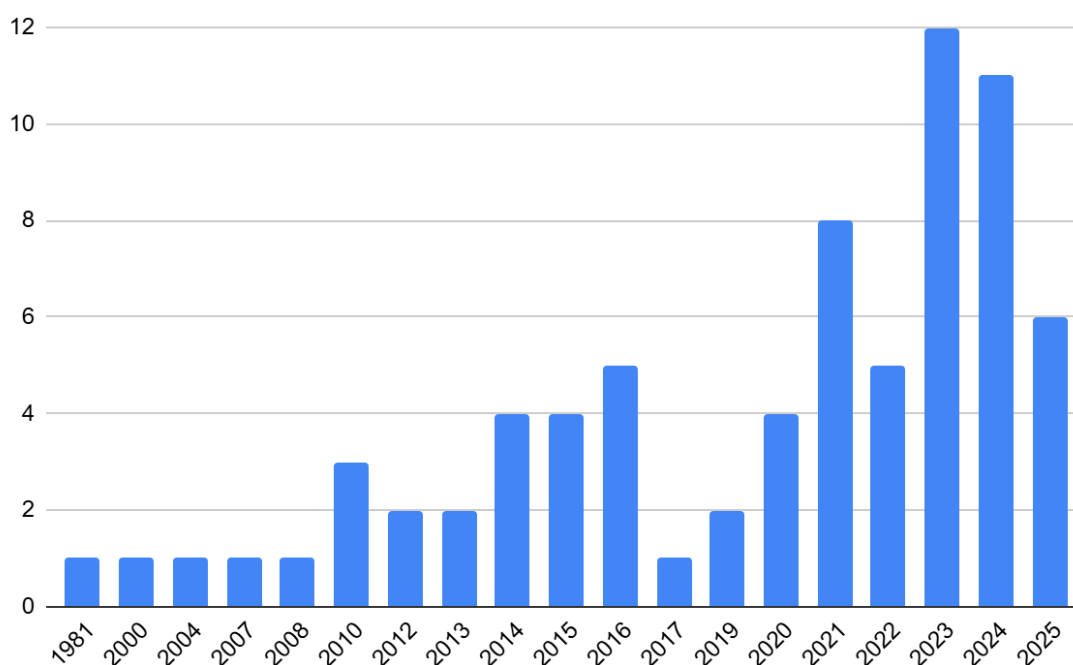


Gráfico 3 - Ano de colação de grau dos respondentes

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).



Quanto à conhecimentos e experiências sobre empreendedorismo, os egressos das Ciências Sociais Aplicadas (42) apresentaram grande concordância com a descrição de Empreendedorismo disponibilizada no questionário, extraída e adaptada do Oxford Languages (Dicionário usado pelo Google): "Disposição ou capacidade de idealizar, coordenar e realizar novos projetos. Também é a iniciativa de implementar novos negócios ou mudanças em empresas já existentes". 37 dos 42 (88,1%) egressos dessa área de conhecimento concordaram com a descrição. Além disso, 36 destes respondentes (85,8%) assinalaram que já empreenderam, estão empreendendo ou pretendem empreender. Ainda, 33 (78,6%) deles assinalaram que cursaram alguma disciplina sobre empreendedorismo durante a graduação.

Quanto às demais áreas de conhecimento, adicionou-se uma pergunta para validar se os respondentes sabiam o que era empreendedorismo - todos responderam afirmativamente. Além disso, também apresentam concordância total (100% dos respondentes) com a descrição de Empreendedorismo disponibilizada no questionário. Sobre as experiências empreendedoras, 28 (84,8%) dos respondentes assinalaram que já empreenderam, estão empreendendo ou pretendem empreender. No entanto, 27 (81,8%) deles negaram ter cursado alguma disciplina sobre empreendedorismo durante a graduação. O quadro abaixo destrincha a segmentação das respostas sobre experiências empreendedoras por área de conhecimento. Além disso, os gráficos apontam a distribuição dos dois grupos em relação à ter cursado disciplinas de empreendedorismo durante a graduação.

Quadro 2 - Experiências Empreendedoras

| Experiências com Empreendedorismo | Ciências Sociais Aplicadas | Outras áreas |
|-----------------------------------|----------------------------|--------------|
| Sim, já empreendi                 | 12                         | 7            |
| Sim, estou empreendendo           | 7                          | 8            |
| Não, mas tenho vontade            | 17                         | 12           |
| Não, e não tenho vontade          | 5                          | 5            |
| Não sei dizer                     | 1                          | 0            |

Fonte: Elaborado pelos autores (2025)

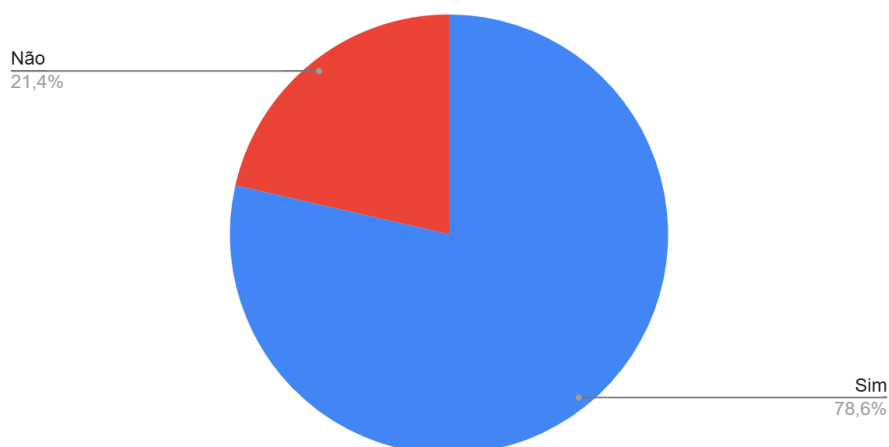


Gráfico 4 - Distribuição de egressos de Ciências Sociais Aplicadas que cursaram disciplinas de empreendedorismo

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

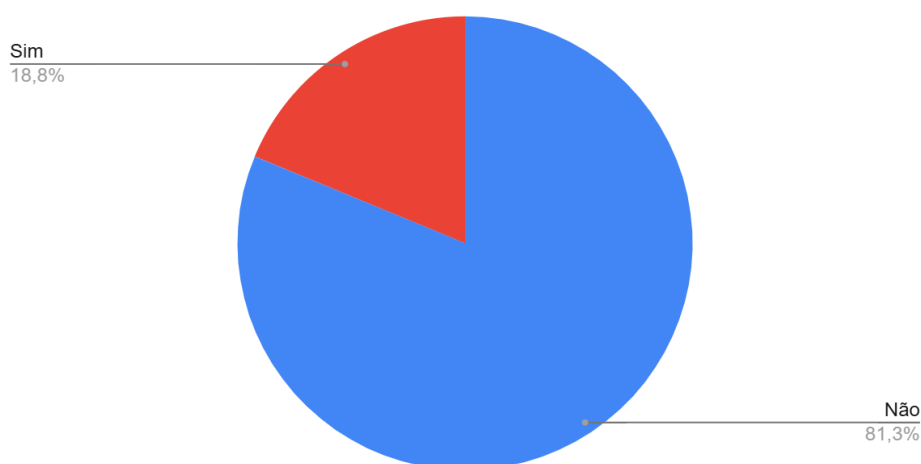


Gráfico 5 - Distribuição de egressos de outras áreas do conhecimento que cursaram disciplinas de empreendedorismo

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Quanto à análise descritiva, a média é maior tanto para IE quanto para AE, assim como a mediana no Grupo 1 de egressos de Administração. As tabelas 1 e 2 elencam as medidas de posição e variabilidade de cada construto.

Tabela 1. Medidas de posição e variabilidade para IE.



|                 | Grupo         | N  | Média | Mediana | Desvio-padrão | Erro-padrão |
|-----------------|---------------|----|-------|---------|---------------|-------------|
| <b>Media IE</b> | <b>Adm</b>    | 34 | 4.34  | 4.43    | 1.56          | 0.268       |
|                 | <b>Outros</b> | 40 | 4.07  | 4.29    | 1.36          | 0.215       |

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Tabela 2. Medidas de posição e variabilidade para AE.

|                 | Grupo         | N  | Média | Mediana | Desvio-padrão | Erro-padrão |
|-----------------|---------------|----|-------|---------|---------------|-------------|
| <b>Media AE</b> | <b>Adm</b>    | 34 | 4.82  | 4.93    | 1.08          | 0.184       |
|                 | <b>Outros</b> | 40 | 3.64  | 3.79    | 1.36          | 0.215       |

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Para a Intenção Empreendedora, os testes de Shapiro-Wilk e Levene para validação de pressupostos de normalidade e homogeneidade de variâncias, respectivamente, os testes de pressupostos indicaram ausência de evidências de violação da normalidade e da homogeneidade de variâncias.

O valor W no teste de normalidade foi muito alto (0,986), chegando próximo a 1, o que significa alta probabilidade de que os dados sigam uma distribuição normal. Além disso, o p-valor de 0,613, comparado a um nível de significância (alfa) de 0,05, significa que não há evidência estatística para rejeitar que os dados seguem uma distribuição normal. Para o teste de Levene, a estatística F de 1,07 está bem próxima de 1, o que sugere que as variâncias dentro do conjunto de dados são semelhantes. As tabelas abaixo elencam os resultados dos testes de pressupostos.

Tabela 3. Teste de Shapiro-Wilk para IE.

|                 | W     | p     |
|-----------------|-------|-------|
| <b>Media IE</b> | 0.986 | 0.613 |

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Tabela 4. Teste de Levene para IE.

|                 | F    | gl | gl2 | p     |
|-----------------|------|----|-----|-------|
| <b>Media IE</b> | 1.07 | 1  | 72  | 0.306 |

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Os pressupostos de normalidade e homogeneidade de variâncias foram atendidos, portanto, considera-se o resultado do teste t de Student. A análise indica que não há evidência estatística para afirmar que a média do grupo 1 (Adm) é maior que a do grupo 2 (Outros). O t-



valor foi de 0,76, estando muito próximo de 0, o que aponta que a diferença entre as médias dos grupos é pequena em comparação com a dispersão dos dados dentro dos grupos, sendo um forte indício de que a diferença não é significativa.

Além disso, o p-valor no teste de Student ficou em torno de 0,22. Ao compararmos esse p-valor com um nível de significância (alfa) de 0,05, pode-se dizer que 0,22 é muito maior que 0,05, o que indica que, apesar de talvez haver uma pequena diferença nas médias da amostra, a diferença não é significativa o suficiente para generalizar os resultados. A tabela abaixo expõe os dados de resultado dos resultados dos testes t realizados - nota-se que, apesar de considerar somente o t de Student na análise de IE, os resultados do t de Welch são bem próximos.

Tabela 5. Testes t para IE.

|                 |                     | Estatística | gl   | p     |
|-----------------|---------------------|-------------|------|-------|
| <b>Media IE</b> | <b>t de Student</b> | 0.770       | 72.0 | 0.222 |
|                 | <b>t de Welch</b>   | 0.761       | 66.0 | 0.225 |

*Nota.*  $H_a: \mu_{Adm} > \mu_{Outros}$

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Logo, após os testes, o resultado indica que para a Intenção Empreendedora, não pode-se afirmar que a média do grupo 1 (Adm) é maior na população geral. A conclusão estatística é de que não há uma diferença significativa entre as médias dos grupos 1 e 2. Portanto, a hipótese nula não foi rejeitada, pois não há diferença significativa entre a média da intenção empreendedora do Grupo 1 e do Grupo 2.

Já para a Autoeficácia Empreendedora, os testes de Shapiro-Wilk e Levene apontaram um cenário onde as premissas estatísticas de normalidade e homogeneidade de variâncias não são perfeitamente atendidas. No caso do Shapiro-Wilk, seu resultado é considerado marginal, de modo que assume-se que a normalidade da distribuição é questionável, pois seu p-valor de 0,056 está muito próximo do nível de significância alfa de 0,05. A conclusão é de que não há evidência para dizer que os dados não são normais, contudo, o p-valor próximo do alfa sugere que pode haver um leve desvio de normalidade, de modo que a premissa de normalidade é atendida com esta ressalva.

Já o teste de Levene indicou que a premissa de variâncias iguais entre os grupos não foi atendida. Assim, desconsidera-se o teste t de Student e analisa-se os resultados do Teste de Welch, que é uma variação do Teste t em casos que não se assume que as variâncias entre os grupos são homogêneas. As tabelas abaixo elencam os resultados destes testes.

Tabela 6. Teste de Shapiro-Wilk para AE.

|                 | W     | p     |
|-----------------|-------|-------|
| <b>Media AE</b> | 0.968 | 0.056 |





Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Tabela 7. Teste de Levene para AE.

|                 | F    | gl | gl2 | p     |
|-----------------|------|----|-----|-------|
| <b>Media AE</b> | 4.45 | 1  | 72  | 0.038 |

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

O teste t de Welch, considerado nesta análise apresentou um t-valor de 4,16, o que é significativamente alto. Isso aponta uma diferença grande entre as médias dos grupos em comparação com a variabilidade dos dados dentro de cada grupo. Um t-valor tão grande sugere que a diferença não é aleatória. Além disso, o p-valor menor que 0,001 é muito menor que um nível de significância (alfa) de 0,05, o que aponta que há uma forte evidência para concluir que a média do grupo 1 (Adm) é significativamente maior do que a média do grupo 2 (Outros).

Tabela 8. Testes t para AE.

|                     | Estatística       | gl   | p     |
|---------------------|-------------------|------|-------|
| <b>Media AE</b>     |                   |      |       |
| <b>t de Student</b> | 4.08 <sup>a</sup> | 72.0 | <.001 |
| <b>t de Welch</b>   | 4.16              | 71.6 | <.001 |

Nota.  $H_a: \mu_{Adm} > \mu_{Outros}$

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).

Embora o Teste t de Welch seja robusto às violações de normalidade e homogeneidade das variâncias, visando robustecer a análise, utilizou-se também o Teste de Mann-Whitney U, que é não paramétrico para amostras independentes. Ambos os testes levaram à mesma conclusão, pois o teste de Mann-Whitney U, também apontou uma diferença significativa entre os grupos. Portanto, a hipótese de que egressos do curso de Administração possuem uma autoeficácia empreendedora significativamente maior foi suportada. A tabela abaixo apresenta o resultado de Mann-Whitney U, onde o p-valor também é menor que 0,001 e muito menor que um nível de significância (alfa) de 0,05.

Tabela 9. Testes de Mann-Whitney U para AE.

|                          | Estatística | p     |
|--------------------------|-------------|-------|
| <b>Media AE</b>          |             |       |
| <b>U de Mann-Whitney</b> | 348         | <.001 |

Nota.  $H_a: \mu_{Adm} > \mu_{Outros}$

Fonte: Elaborado pelos autores (2025).



Logo, pode-se dizer que há uma forte evidência estatística para afirmar que os valores de AE no grupo 1 (Adm) são significativamente maiores do que os valores no grupo 2 (Outros). As análises tanto do Teste de Welch (paramétrico e corrigido) quanto do Teste de Mann-Whitney U (não paramétrico) apontam que o resultado é robusto e confiável. Portanto, a hipótese nula para a Autoeficácia Empreendedora foi rejeitada, pois a média da autoeficácia empreendedora do Grupo 1 (Adm) é significativamente maior que a do Grupo 2 (Outros).

Desse modo, após a análise dos resultados, pode-se dizer que a Intenção Empreendedora não difere entre egressos de Administração e egressos de outros cursos, o que aponta para o cenário nacional de alto foco em empreendedorismo. Independente da formação, o empreendedorismo faz parte da vida do cidadão brasileiro, conforme a pesquisa do GEM, e os apontamentos feitos em outros estudos sobre a motivação e os desafios para se empreender (Furtuna, 2023, Alves et al, 2023, ANEGEPE; SEBRAE, 2024).

Por outro lado, os egressos de Administração apresentam maior Autoeficácia Empreendedora, com uma diferença significativa para com os egressos dos outros cursos, o que reforça a hipótese de que a graduação em Administração pode aumentar o potencial dos seus alunos, considerando que o ensino do empreendedorismo é mais prevalente ou obrigatório neste curso.

Este pode parecer um contraponto às conclusões de Arruda et al (2023), que apontaram que disciplinas eletivas/opcionais sobre empreendedorismo são mais eficazes que as obrigatórias. Porém, na verdade, complementa-se o achado destes autores, uma vez que que a Autoeficácia entre os egressos de Administração pode ter diferido significativamente dos egressos de outros cursos, pois 78,6% do Grupo 1 (Adm) assinalou que cursou alguma disciplina sobre empreendedorismo durante a graduação, enquanto 81,8% do grupo 2 (Outros cursos) negou ter cursado alguma disciplina sobre empreendedorismo durante a graduação - o que aponta para, independente das disciplinas serem obrigatórias ou eletivas, o fato do graduando cursar algo relacionado à empreendedorismo pode influenciá-lo positivamente em relação à Autoeficácia Empreendedora.

O resultado deste estudo também vai de encontro à outros estudos similares que indicaram que o ensino do empreendedorismo e a educação empreendedora contribuem para o desenvolvimento de habilidades importantes para o ato de empreender (Silva Pereira e Guimarães, 2021; Ferreira e Pagnussat (2023). Por fim, os testes estatísticos sobre IE corroboram com as respostas sobre experiências e intenções empreendedoras dos respondentes, onde 85,8% grupo 1 assinalou que já empreenderam, estão empreendendo ou pretendem empreender, sendo muito próximos dos 84,8% do grupo 2 que responderam na mesma direção.

## 5. Conclusões

Este artigo teve como objetivo analisar em que medida a formação em Administração, quando comparada a outras graduações, influencia o desenvolvimento da Intenção Empreendedora (IE) e da Autoeficácia Empreendedora (AE) em seus egressos, a partir da perspectiva dos graduados da UFRRJ. Por meio de um *survey* com 74 respondentes, foi possível medir a IE e AE entre os dois grupos de estudo.



Através de análise de estatística descritiva e a realização de testes de hipótese, com uso de testes t para diferenças de média (Student, Welch e Mann-Whitney U), verificou-se que a IE não difere entre egressos de Administração e de outros cursos. Porém, os egressos de Administração apresentam maior AE, com uma diferença significativa para com os egressos dos outros cursos.

Desse modo, apesar da pretensão em empreender ser similar entre os grupos, os egressos de administração se sentem mais preparados e possuem maior autoconfiança para se tornarem empreendedores, dada a sua formação. Este resultado vai de encontro a outros estudos na literatura, adicionando uma nova perspectiva a partir dos graduados da UFRRJ. Logo, em relação à pergunta se a graduação em administração na UFRRJ amplia o potencial empreendedor de seus alunos, pode-se dizer que não amplia o potencial da prática empreendedora necessariamente, pois não há evidência de influência positiva na Intenção Empreendedora, entretanto, capacita mais para que esse potencial possa ser aproveitado.

Diante disso, recomenda-se que o ensino do empreendedorismo seja difundido em mais cursos, dada a sua relevância no contexto socioeconômico brasileiro, bem como no panorama mundial do trabalho. Este estudo apresenta implicações acadêmicas trazendo uma nova análise a partir de um contexto ainda não estudado, que é o caso da IE e AE entre egressos da UFRRJ. Enfim, também apresenta uma implicação gerencial para as Universidades, haja vista que esta análise do caso da UFRRJ pode ser usada como referência para decisões acerca do ensino do empreendedorismo em outras instituições.

Como limitações do estudo, elenca-se o tamanho e formato da amostra (por conveniência, não aleatória). Além disso, a delimitação apenas em egressos da UFRRJ torna o estudo menos “generalizável”. Como sugestões para futuras pesquisas, recomenda-se replicar este estudo em outras instituições, considerando a ampliação do público-alvo para graduandos também, não apenas egressos. Além disso, o uso de outras escalas, que não somente IE e AE, pode trazer novos insights e novos complementos à literatura.

## Referências

AJZEN, I. The theory of planned behavior. **Organizational Behavior and Human Decision Processes**, v. 50, n. 2, p. 179-211, 1991.

ALVES, A. A. da S.; SILVA, A. M. da; FERNANDES, E. da C.; BARBOSA, W. de O.; SARMENTO, R. J. G.; MARQUES, E. da S. Empreendedorismo e políticas públicas de fomento à educação empreendedora no Brasil. **Revista Foco**, Natal, v. 16, n. 10, 2023.

ARRUDA, C. de J.; BURCHARTH, A.; BARCELLOSTA, H.; LOURENCINI, M. Impactos da educação empreendedora em alunos brasileiros do ensino superior: Um estudo empírico comparando



disciplinas obrigatórias e eletivas. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, Curitiba, v. 12, n. 3, 2023.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE ESTUDOS EM EMPREENDEDORISMO E GESTÃO DE PEQUENAS EMPRESAS; SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. GEM 2024: Empreendedorismo no Brasil - Relatório Executivo. Brasília, DF: Sebrae, 2024.

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE ESTUDOS EM EMPREENDEDORISMO E GESTÃO DE PEQUENAS EMPRESAS; SERVIÇO BRASILEIRO DE APOIO ÀS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS. Empreendedorismo no Brasil: 2023-2024. Brasília, DF: Sebrae, 2024.

BANDURA, A. Self-efficacy: Toward a unifying theory of behavioral change. **Psychological Review**, v. 84, n. 2, p. 191-215, 1977.

BIANCHI, I.; ROSA, E. R.; BRITO, C. R. C. de; SOMENSI, C. A. Perfil e desempenho de uma turma de graduação da medicina veterinária frente a metodologias ativas de ensino e avaliação da aprendizagem. **Contraponto**, v. 3, n. 3, 2022.

CAMOZZATO, E. S.; LIZOTE, S. A.; VERDINELLI, M. A.; KRÜGER, F. Orientação empreendedora, autoeficácia dos gestores e satisfação com o desempenho: um estudo em empresas incubadas. **Revista de Ciências da Administração**, v. 19, n. 48, p. 68-83, 2017.

CHEN, C. C.; GREENE, P. G.; CRICK, A. Does entrepreneurial self-efficacy distinguish entrepreneurs from managers?. **Journal of Business Venturing**, v. 13, n. 4, p. 295-316, 1998.

COLICHI, R. M. B.; SPIRI, W. C.; JULIANI, C. M. C. M.; LIMA, S. A. M. Ensino de empreendedorismo na graduação de Enfermagem: avaliação de proposta educacional. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 76, n. 2, 2023.

CUNHA, A. P.; MARQUESAN, F.; SILVA, C. S. A educação empreendedora como ferramenta de empoderamento feminino. **Revista Livre de Sustentabilidade e Empreendedorismo**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 89-111, 2021.

CUNHA, J. C. Empreendedorismo na gestão da pequena empresa. **Revista da Micro e Pequena Empresa**, Campo Limpo Paulista, v. 1, n. 2, p. 3-17, 2007.

FERREIRA, E. G.; PAGNUSSAT, B. A importância da educação empreendedora nas escolas. **RCA - Revista Científica de Ajes**, Juína, v. 12, n. 25, 2023.

FURTUNA, B. A Identidade Do Trabalhador Da Quarta Revolução Industrial: Uma Análise Crítica Do Discurso Do Fórum Econômico Mundial. 2023. 180 f. **Dissertação** (Mestrado em Administração) - Programa de Pós-Graduação em Administração, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2023.



IBIDUNNI, A. S.; NNAEMEKA, C. G. O papel da engenhosidade empreendedora e das capacidades dinâmicas na intenção empreendedora dos alunos. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 65, n. 2, 2025.

MARTENS, Conrado Diego; FREITAS, Henrique Mello de. A Contribuição da Teoria do Agir Comunicativo de Jürgen Habermas para a Contabilidade. **Estudo & Debate**, Lajeado, v. 15, n. 2, p. 71-95, 2008.

MATOS, C. M. F.; LIZOTE, S. A.; VERDINELLI, M. A.; CAVALHEIRO, C. C. de M. INFLUÊNCIA DA EDUCAÇÃO EMPREENDEDORA NO DESENVOLVIMENTO DA AUTOEFICÁCIA E DAS COMPETÊNCIAS EMPREENDEDORAS. In: COLÓQUIO INTERNACIONAL DE GESTÃO UNIVERSITÁRIA, 18., 2018, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: UFSC, 2018.

MELCHOR-DURAN, I. L.; CUERO-ACOSTA, Y. A.; DÍAZ DUARTE, A. A.; MÉNDEZ, O. J. M. Educação empreendedora na universidade e intenção de empreender: temas e lacunas de pesquisa. **Revista de Administração de Empresas (RAE)**, São Paulo, v. 65, n. 3, p. 1-23, 2025.

PEREIRA JUNIOR, E. F. Z.; PEREIRA, G. G. B. Quem é o empreendedor e como ele surge? A evolução do conceito na literatura científica. **Revista Gestão, Inovação e Negócios**, v. 2, n. 1, p. 119-142, 2024.

RAIOL, V. A. A.; SHALOM, Y. C. C.; MATTOS, C. A. C.; MANCEBO, C. H. A.; CARDOSO, H. G. Autoeficácia e intenção empreendedora: um estudo com estudantes de administração na região norte do Brasil. **Revista Valore**, Vassouras, v. 6, p. 1-19, 2021.

ROCHA, M. A. O ensino do empreendedorismo na graduação em enfermagem: revisão integrativa. **Saúde Coletiva**, Barueri, v. 14, n. 92, p. 13897-13912, 2024

SAES, A. M.; MARCOVITCH, J. Educação empreendedora: trajetória recente e desafios. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, Curitiba, v. 9, n. 1, p. 1-9, 2020.

SANTOS, I. C. dos; LUSTOSA, M. do C. da S.; SILVEIRA, G. B. Intenção Empreendedora dos Graduandos em Tecnologia. **Educitec - Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico**, Manaus, Brasil, v. 7, 2021.

SILVA, C. P. S.; PEREIRA, E. C. S.; GUIMARÃES, J. C. Educação empreendedora no ensino superior: uma análise sob a perspectiva dos estudantes de administração. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 4, p. 82-100, 2021.

SCHUMPETER, Joseph A. **A Teoria do Desenvolvimento Econômico**: Uma Investigação sobre Lucros, Capital, Crédito, Juro e o Ciclo Econômico. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

VASCONCELOS, G. M. R. de; DE LIMA SIQUEIRA, P. H.; MUNDIM FUZATTO, M. L. Empreender ou não? Intenção empreendedora de estudantes de administração e ciências contábeis.



Revista de Empreendedorismo e Gestão de Micro e Pequenas Empresas, v. 8, n. 2, p. 108–133, 2023.

VEDANA, D.; ANDREASSI, T. Proposta de um modelo teórico para oportunidades de pesquisa e inovação em ensino de empreendedorismo. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 65, n. 3, 2025.